

O ENSINO DE ESCRITA CRIATIVA NAS AULAS DE LÍNGUAS

Carlos Eduardo de Araujo Placido*

Resumo:

É uma raridade o incentivo da Escrita Criativa pelos professores durante suas aulas no ensino brasileiro. Em geral, os alunos são constantemente motivados a desenvolver suas habilidades artísticas nas aulas de artes (quando as têm), dificilmente nas aulas de língua portuguesa e, muito menos, nas aulas de língua estrangeira. Os motivos propagados são vários: tempo hábil curto para a sua aplicação, despreparação professoral, desinteresse dos próprios alunos em elaborar textos narrativos, entre muitos outros. De fato, desenvolver a escrita não é um ato fácil, ainda mais a escrita de cunho criativa, entretanto, seu entendimento e exercício constante é de extrema importância para se apreender melhor outros gêneros textuais e o próprio mundo contemporâneo. Compreender e elaborar o gênero narrativo são um direito do aluno e um dever do professor. Por outro lado, é importante que o professor tenha em mão recursos que o auxiliem a ministrar aulas ou oficinas de Escrita Criativa propriamente. Por isso, esse artigo visa ajudar substancialmente o professor de língua materna ou língua estrangeira na organização e ministração dessas aulas.

Palavras-chave: ensino de línguas; escrita criativa; gênero textuais.

Abstract:

It is a rarity the encouragement of the Creative Writing by teachers during their classes in Brazilian education. In general, students are constantly encouraged to develop their artistic skills in arts classes (when they have). They are unlikely in the Portuguese language classes and even less in the foreign language classes. The propagated reasons are various: short time for its implementation, teaching inequalities, and students' own unwillingness to elaborate narrative texts, to mention a few. In fact, developing writing is not an easy act, let alone the creative one. However, its understanding and constant exercise is extremely important to the better understanding of other genres and today's world itself. Understanding and developing the narrative genre is a right to every student and a duty to all teachers. On the other hand, it is important that the teachers have in hand the resources that can assist them to teach Creative Writing properly. Therefore, this article aims to substantially help the teacher of mother tongue or foreign language in the organization and ministry of these classes.

Keywords: language teaching; creative writing; textual genre.

* Contato: ceplacido@gmail.com.

Introdução

Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores.

José Saramago

Concordo com o autor português, ganhador do prêmio Nobel, José Saramago. O ato de escrever não é um ato fácil, mas bem complexo e, até mesmo, doloroso para muitas pessoas. Talvez por isso encontramos inúmeras citações, veiculadas nas mais diferentes mídias, de notórios escritores que como, por exemplo, Jane Austen, Stephanie Meyer, E. L. James, Bram Stoker, André Vianco, entre muitos outros, coadunem com o seguinte ponto de vista: antes de qualquer pessoa ser uma boa escritora, ela tem que ser uma ótima leitora. De fato, escrever e ler são atos interdependentes. E, ambos, para serem aprimorados devem ser apreendidos, aprendidos e ensinados propriamente.

É inquestionável, entre professores e pesquisadores, a necessidade de se desenvolver tanto a leitura quanto a escrita, dentro e fora das escolas. Entretanto, sobre que tipo de escrita (texto ou gênero textual) esses professores e pesquisadores falam hoje em dia? É sobre a escrita dissertativa, tão requerida nos exames de vestibulares do Brasil? São sobre os textos jornalísticos por serem (supostamente) descritivos e não injuntivos? É sobre a escrita acadêmica tão difundida no ensino superior, mas ainda pouco veiculado fora dele? Ou é sobre a *Escrita Criativa*?¹

Acredito que tais quesitos nos deixem com mais perguntas do que respostas. Uma das mais importantes se refere à questão de prestígio. Qual das escritas aqui mencionadas é considerada a mais valorosa? E por quem é considerada como tal? Para quem são destinadas? Todas possuem o mesmo espaço dentro do ensino de escrita nas escolas brasileiras? São perguntas complicadas para serem respondidas simploriamente. Talvez seja necessário (ou mais viável) escolher aprioristicamente um tipo de escrita e, depois, *tentar* respondê-las.

Por isso, escolho aqui a *Escrita Criativa* (EC). E por escolhê-la, usarei minha própria experiência doravante. Até o meu último semestre do curso de Letras Português/Inglês da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) na USP (Universidade de São Paulo), eu pessoalmente desconhecia esse nome *Creative*

¹ Toda escrita considerada literária como, por exemplo, poemas, contos, romances, etc.

Writing (Escrita Criativa). Somente na disciplina Tópicos de Escrita III (acredito que atualmente se chame Escrita e Narrativa em inglês), entrei em contato com um universo incrível, mas, até então, fechado para mim: o mundo da criação literária. Por quais razões não entrei em contato com ela antes no Ensino Fundamental ou no Médio, por exemplo? Por que não tive aulas de *Escrita Criativa* nos cursos preparatórios para vestibular frequentado ansioso e tensamente antes de se ingressar na graduação?

A meu ver, a *EC* é vista de forma desprestigiada frente, principalmente, às escritas de cunho (ou, melhor dizendo, propósito) objetivo. Isso parece ocorrer devido a vários motivos. Muitos professores do ensino superior acreditam na impossibilidade de ensinar alguém a ser tornar uma nova Jane Austen ou um novo Bram Stoker, em outras palavras, eles não acreditam na possibilidade de ensinar alguém a ser um escritor eficiente (e renomado). Por isso, para eles, ensinar *Escrita Criativa* é um desperdício do tempo escolar. Outros ainda veem o escritor como um gênio ou, até mesmo, uma divindade, ou seja, você nasce escritor, não se torna um depois de anos de preparação e trabalho árduo. Entretanto, ambas essas asserções são visões românticas e ultrapassadas. É ainda possível pensar romanticamente em um mundo pós-moderno, dentro da Modernidade Líquida (BAUMAN, 2000)?

Para mim, são visões relevantes, mas não essenciais. Como assim? Talvez seja realmente impossível ensinar um aluno a se tornar um novo Bram Stoker, conquanto, essa é única razão de se ensinar *EC*? Baseado nessa mesma lógica, então só seria útil ensinar escrita, qualquer tipo de escrita, se o professor tivesse certeza absoluta que seus ensinamentos auxiliariam seu aluno a se tornar um escritor merecedor do prêmio Nobel de literatura?

Segundo Vygotsky (1993), as salas de aula são heterogêneas, porque os alunos são heterogêneos. Essa afirmação é essencialíssima a fim de se entender os mecanismos de ensino atuais. O professor deve compreender a heterogeneidade escolar se ele almeja ter sucesso na carreira professoral. Cada aluno é um. Sendo assim, cada aluno tem um objetivo perante a escola. Ao mesmo tempo, ele está inserido em um meio social e, ainda para Vygotsky (1993), as interações sociais possuem um fator significativo no desenvolvimento do aluno. Portanto, cada aluno tem um objetivo frente à escrita, inclusive à *EC* (mesmo desconhecendo-a).

1. O que é Escrita Criativa?

A Escrita Criativa (EC) atravessa as diferentes formas de escrita e gêneros textuais. Não há exatamente um tipo de EC, mas diversos tipos. Por apresentar em uma de suas características constitutivas o elemento *criatividade*, poderia se afirmar que qualquer meio, material ou tema podem se constituir como fonte inspiradora para sua edificação literária. A fim de entendermos melhor essa afirmação, lembremos de Albert Einstein: “A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro”. O físico alemão poderia muito bem estar falando sobre a *EC* (provavelmente não estava). Entretanto, sua afirmação condiz e bastante com uma das principais características relacionadas à configuração da *EC*: seu poder imaginativo e abrangente. Qualidades frutíferas para serem trabalhadas na sala de aula. Se a *EC* apresenta qualidades positivas que podem ser trabalhadas nas salas de aula do Brasil, por que isso não vem acontecendo? Essa é uma pergunta de grande complexidade. Para entendermos melhor até mesmo essa pergunta, é importante entendermos as complexidades inseridas nela.

Segundo Catarina Moura (2014) a “*Escrita Criativa é uma expressão non grata para muita gente*”. Segundo a jornalista (2014), “Horace Engdahl, disse em entrevista ao jornal francês *La Croix* que os cursos de escrita criativa e os contratos com as editoras estão a profissionalizar e empobrecer a literatura ocidental”. Para Engdahl, profissionalizar a escrita é destruir o ofício de escritor. A afirmação de Engdahl é paradoxal. Etimologicamente falando, a palavra ofício vem do latim *officium* e significa serviço, ocupação, ou seja, toda ação e/ou trabalho em que a técnica, a habilidade e a especialização são necessárias. As afirmações paradoxais de Engdahl não param aí. Ainda na mesma entrevista. Engdahl comenta que “Antigamente os escritores trabalhavam como taxistas, caixas, secretários e garçons para viver. Samuel Beckett e muitos outros viviam assim. Era difícil, mas eles conseguiam se alimentar de uma perspectiva literária”. De fato, trabalhar e escrever boa literatura devem ser um ato para poucos, mas será que é uma característica necessária para ser um bom escritor?

Engdahl parece crer que sim. Um bom escritor é aquele que trabalha em um ofício (pois ser escritor não é ofício, mas lazer) e concomitantemente a isso escreve. Essa afirmação é parecida com uma pergunta muito comum, pelo menos no Brasil: Você só dá aula, não trabalha? Na época do dramaturgo irlandês, Samuel Beckett,

citado diretamente por Engdahl, também era comum ter um ofício e dar aulas à parte. Vale a pena lembrar que o próprio conceito de ofício defendido vigorosamente por Engdahl mudou com o tempo. Na Grécia Antiga, o ofício (ou trabalho) era relacionado à expressão da miséria humana, em outras palavras, desprezado. Para Platão, o trabalho se liga ao campo da necessidade, ou seja, dos requisitos básicos para a sobrevivência do corpo (alimentação e vestimenta, por exemplo). Portanto, para ser considerado um cidadão pleno e poder participar da política e dos diversos assuntos das pólis, o homem livre deveria exercer o ócio que se relaciona ao campo da filosofia.

A época de Samuel Beckett era uma época diferente: de Grandes Fomes e Guerras intermináveis. Ele mesmo passou pela Primeira e pela Segunda Guerra Mundial. Nos dias atuais, a internet revolucionou nosso olhar e hábitos para muitos, mas muitos hábitos antigos como, por exemplo, ter um ofício e escrever. Até mesmo a ideia de ócio se modificou. Atualmente, grande parte do ócio humano é exercida em frente aos mais diferentes computadores existentes no mundo. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, só no Brasil há mais de 136 milhões de computadores em uso. Para o indicador americano Dow Jones, há mais de 2 bilhões de computadores em uso no mundo inteiro (dado previsto de 2014). Mas afinal de contas o que é Escrita Criativa?

Coadunado com a visão de *EC* do professor João de Mancelos, da Universidade Católica Portuguesa, contida em seu artigo *O Ensino da Escrita Criativa em Portugal: Preconceitos, Verdades e Desafios* (2010):

Mas o que é, afinal, a EC? Ou, como eu prefiro perguntar, o que não é a EC? Uma oficina bem concebida não visa transmitir receitas, mas sim técnicas; não institui regras, mas antes incentiva à experimentação; não promete êxito comercial, mas procura a qualidade, através da técnica, do trabalho árduo, da disciplina, da leitura de grandes obras do passado e presente; não se restringe apenas a exercícios — como acontece quase sempre no nosso país —, mas antes procura um equilíbrio entre a ampla teoria da EC e a prática, (MANCELOS, 2010, p. 156)

Luís Carmelo (2014) acredita que uma das principais funções do ensino *EC* seja formar leitores com competências, não exatamente escritores exitosos. Ele não deixa de ter razão por um lado, pois ensinar as mais diversas características da literariedade presentes em um determinado texto pode auxiliar o aluno a ter uma visão mais aguçada frente ao texto literário. Entretanto, vale também a pena lembrar que diversos escritores exitosos tiveram auxílios eficazes das oficinas de Escrita

Criativa. Mancelos (2010) comenta que o ensino da *EC* é um procedimento relativamente antigo e que:

Por outro lado, de modo formal, contistas e romancistas como Ernest Hemingway (1899-1961) ou William Faulkner (1897-1962) frequentaram cursos, com proveito para os seus leitores. Outros, como Raymond Carver (1939-1988) ou Toni Morrison (1931) – vencedora do Prémio Nobel da Literatura, em 1993 – descobriram o seu talento graças ao apoio de docentes e colegas de *EC*. (MANCELOS, 2010, 157)

Todo grande escritor deve começar de algum lugar. Se ele escreve e tem outro ofício, isso pode ajudá-lo a se tornar um bom escritor a partir do momento em que ele toma essas experiências como fonte inspiradora para a sua escrita, por exemplo. Entretanto, isso também pode muito bem desmotivá-lo a escrever qualquer coisa, mesmo sendo ele um gênio, haja vista as dificuldades implícitas em escrever e trabalhar em algo diferente ao mesmo tempo. O mesmo pode ser aplicado ao ensino de Escrita Criativa, um bom professor pode incentivar e até mesmo ajudar a aprimorar a escrita ficcional de um aluno. Só que para isso acontecer, é de extrema importância que ele sabia manejar com parâmetros pedagógicos adequados para a realização de uma aula satisfatória de Escrita Criativa.

2. Parâmetros pedagógicos para o ensino da Escrita Criativa

Em primeiro lugar, a Escrita Criativa não é uma escrita que dita regras. Por isso, um curso de *EC* também não deve ditar regras. Pelo contrário, o ensino de *EC* deve dar margem à liberdade de expressão dos alunos, suas vontades e qualidades artísticas. O que o professor pode (e é aconselhado a) fazer é delimitar apenas os assuntos a serem tratados nas aulas. Por exemplo, a aula de hoje será sobre as configurações dos personagens e/ou dos narradores existentes na Narratologia.

O professor de *EC* deve instigar sempre seus alunos a constrangerem a escrita, isto é, nunca aceitar a mesmice como parâmetro para suas respectivas escritas. É importante destacar aqui que não estou falando sobre originalidade, principalmente por ser um termo de difícil compreensão e definição, ou seja, ao fim e ao cabo, o que é ser original? Segundo Stigler (1955), originalidade é uma nova descoberta que incrementa o conhecimento científico, por isso no seu conceito está implícito a questão de prioridade temporal na afirmação de uma determinada ideia. Entretanto,

essa é uma afirmação complexa e, a meu ver, ultrapassada nos dias atuais. Conforme Ziman apud Valério e Pinheiro (2008, p. 161) “uma grande descoberta científica não passa a existir, apenas, por força da autoridade moral ou do talento literário do seu criador, e sim pelo seu reconhecimento e sua apropriação por toda a comunidade científica”. Segundo Sarah Miglioli (2012):

Um artigo original é o que não foi conhecido e não existiu antes publicado em um mesmo formato e um canal de mídia de divulgação destinada a atender a um determinado público de leitores; é inédito, é novo aquele texto colocado pela primeira vez em um formato, um canal de comunicação e destinado a um grupo de leitores específicos ou em geral. Nesse sentido entender que uma dissertação ou tese de mestrado em formato papel ou digital, publicada na web ou colocada em um repositório não retira a originalidade de artigo relacionado para publicação. Não tem o mesmo formato e não passou pelos canais de divulgação convencionais.

Não almejo discutir aqui que tipo de texto pode ser classificado como sendo original ou plágio. O mais importante para o professor de língua portuguesa ou língua estrangeira é ter em mente que o texto criativo não pode ser simplesmente uma cópia de um texto existente, procedimento esse ainda bem comum nas escolas brasileiras. Mesmo os alunos tendo muitas vezes em mão apostilas com os textos impressos, muitos professores responsáveis (ou seriam irresponsáveis) pedem inexplicavelmente a seus alunos a cópia de um determinado texto, às vezes da lousa, às vezes da própria apostila. A aula se chama: Aula de Escrita Criativa, portanto, uma aula com esse nome deve trabalhar com a escrita criativamente, nunca como cópia de um texto vivente (por melhor que ele seja).

Outro elemento que deve receber atenção redobrada no ensino de *EC* é exatamente a linguagem a ser trabalhada. Ao contrário das aulas de textos objetivos como, por exemplo, os textos dissertativos cuja única variedade linguística permitida é a oficial (norma culta). Nas aulas de *EC*, todas as variedades são plenamente aceitas. Isso não quer dizer que o aluno deva escrever de qualquer forma. Pelo contrário, cabe ao professor conduzir o uso das diversas variantes frente à necessidade do texto a ser tecido.

Alice Walker usou com tamanha maestria a variedade Black English em *A Cor Púrpura* (2009), o mesmo pode ser dito do uso da variedade Chicano em Aaron Abeyta de *Rise do not be afraid* (2007). No Brasil, vale a pena destacar o poeta, embora ainda não muito conhecido no sul e sudeste brasileiro, Franklin Maxado em

sua poesia de cordel cuja representação do português brasileiro nordestino é de uma literariedade impressionante. Isso tudo sem citar em grandes nomes da literatura nacional os quais também embeberam em diversas variedades regionais presentes no Brasil para edificarem suas obras (Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Cecília Meireles, entre muitos, mas muitos outros).

Então quer dizer que a variedade culta deve ser excluída das aulas de Escrita Criativa? É claro que não. Tudo vai depender do texto a ser escrito. A variedade culta pode ser muito bem utilizada a fim de se chamar a atenção para algum problema político enfrentado pelo protagonista da história, por exemplo, ou mesmo simplesmente para chamar a atenção ao próprio texto redigido.

Há quatro parágrafos atrás, eu utilizei dois sinônimos para se referir a assuntos parecidos: existente e vivente. Embora eles sejam sinônimos, eles não apresentam os mesmos significados (assim como a maioria dos sinônimos existentes). Entretanto, o significado de vivente condiz melhor com a segunda parte do parágrafo, pois esse adjetivo é utilizado para designar qualquer coisa que vive, ou seja, está viva, existe e, portanto, também está em constante transformação. Sendo assim, o termo vivente apresenta uma conotação bem mais forte do que somente existente. Além de eu ter quebrado com o horizonte de expectativas do meu leitor. Vivente um dos principais termos para se definir tanto o ensino quanto a própria *EC*. Qualquer texto a ser redigido nas aulas de *EC* não pode ser apenas existente, ele tem que ser acima de tudo vivo.

3. Conclusão

O ensino de Escrita Criativa não é algo tão recente quanto se imagina. Em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, ela já é uma disciplina institucionalizada. Há inclusive disciplinas de Escrita Criativa avançadas. Grandes autores da literatura mundial frequentaram (e ainda os viventes frequentam) tais aulas. Entretanto, no Brasil, principalmente por falta de incentivo (dos mais variados possíveis), ensinar Escrita Criativa é ainda um mistério. A utilização da Escrita Criativa pode ser uma ferramenta pedagógica de grande força nas aulas de língua materna e língua estrangeira se bem conhecida e organizada. Seu poder de criatividade instiga os alunos a lerem e escreverem mais e a questionarem mais o que leem e o que escrevem. Eles, por sua vez, tornam-se leitores com competências. Discussões sobre textos canônicos, não-canônicos, originalidade e ineditismo podem

aquecer ainda mais as aulas e enriquecer os textos a serem redigidos. As variedades da língua portuguesa ou da estrangeira podem ser mais ludicamente trabalhadas, sem deixar de levantar e discutir questões sociolinguísticas relevantes tanto para a vida dos alunos envolvidos quanto dos viventes professores ministrantes. E quem sabe, até mesmo um desses alunos (ou até mesmo o professor) pode um dia ganhar o prêmio Nobel de Literatura.

Referências

ABEYTA, A. **Interview to Daniel Olivas**. Available [www.jacketflap.com/megablog/?h\(19/09/2007\)](http://www.jacketflap.com/megablog/?h(19/09/2007)). _____. *Rise do not be Afraid*. Denver: Ghost Road Press, 2007.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MANCELOS, J. **Um pórtico para a escrita criativa**. Pontes & Vírgulas: revista municipal de cultura, 2010.

MIGLIOLI, S. **Originalidade e ineditismo como requisitos de submissão aos periódicos científicos em Ciência da Informação**. *Liinc em Revista*, v.8, n.2, setembro, 2012, Rio de Janeiro, p. 378-388. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/18282/2/Miglioli,%20S.%20Originalidade%20e%20Ineditismo.pdf>>. Acesso em 22/03/2015.

MOURA, C. **Onde para a escrita na escrita criativa?** Disponível em <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/onde-para-a-escrita-na-escrita-criativa-1680305>>. Acesso em 22/03/2015.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALKER, A. **A cor púrpura**. Tradução: Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. 9.ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 2009.